

SIMPÓSIO AT164

UMA MORTE ANUNCIADA: UMA RELAÇÃO ENTRE AS "TESES SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA" DE WALTER BENJAMIN E O FIM IMINENTE DA DEMOCRACIA NO BRASIL.

CASTRO, Priscila Wandalsen Mendonça de
IFF

priscilawc@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho propõe uma leitura de parte das Teses sobre o conceito de História de Walter Benjamin, relacionando cada tese com o cenário político brasileiro atual. Benjamin, em suas teses, olha para o seu passado e seu presente e, neste trabalho, será feito o mesmo com Benjamin e o presente, baseado na interpretação de Michel Löwy, em *Aviso de incêndio*.

Para cada tese de Benjamin, será apresentado um presente que anuncia o golpe fascista no Brasil, mas, paradoxalmente, resiste a ele. Resistência fundamental para evitar a catástrofe iminente, pois, ao contrário de seus contemporâneos, Benjamin se mostra pessimista e afirma que o presente deve ser construído de mãos dadas à consciência crítica e o progresso deve ser interrompido para que a revolução seja possível. Para isso, dialogaremos com o estudo de Jorge Ferreira sobre a Ditadura Civil Militar de 1964 e com o artigo de Antonio Candido, "O direito à literatura", além do poema "Cantiga de Malazarte" de Murilo Mendes como um caminho para a defesa da dignidade humana e, conseqüentemente, da democracia.

Palavras-chave: Walter Benjamin; história; literatura; democracia; facismo.

Abstract: The purpose of this present work is reading part of the Theses about Walter Benjamin's History concept, relating each thesis to the current Brazilian political scenario. In his theses, Benjamin looks at his past and present and this work intends to do the same as Benjamin and the present, based on Michel Löwy's interpretation stated in his theoretical work, *Aviso de incêndio*. A present that announces the fascist coup in Brazil, but paradoxically resists to it, will be reported based on Benjamin's thesis. Resistance is considered fundamental to avoid an impending disaster, since, Benjamin, differently from his contemporaries, shows himself pessimist and states that present must be built along with critical awareness, as well as progress must be interrupted so that the revolution may be possible. To this end, a dialogue with Jorge Ferreira's studies about Civil-Military Dictatorship in 1964 and Antonio Candido's article, *O direito à Literatura*, will be established. Furthermore, Murilo Mendes's poem, *Cantiga de Malazarte*, is approached as a way to defend human dignity and, consequently, democracy.

Keywords: Walter Benjamin; history; literature; democracy; fascism.

As *Teses sobre o conceito história* de Walter Benjamin propõem uma leitura do passado que interfira e transforme o presente e são a síntese de um pensamento revolucionário que resiste à redução da dignidade humana. No intuito de também resistir, selecionamos algumas teses do autor e, para cada uma, apresentaremos um presente brasileiro que coloca a democracia a perigo e anuncia ventos facistas. Para isso nos basearemos nas análises sobre as teses feitas por Miche Löwy, em *Aviso de incêncio*.¹

Nas teses I, Benjamin estabelece a relação necessária entre o materialismo histórico e teologia, considerando que ambos são, ao mesmo tempo, mestre um do outro. Já na tese II, é possível entender que o conceito de teologia está ligado à rememoração e à redenção messiânica. O que significa dizer que no ato de trazer os oprimidos do passado para o presente com o materialismo histórico, não deixando que o sofrimento caia no esquecimento e reparando o presente com as falhas do passado, o sujeito de agora é o messias do sujeito de ontem por não deixar que a luta seja em vão, já que, para ele, o tempo será sempre inacabado, ou seja, não se encerra com o fim do sujeito. No decorrer da luta, na defesa dos direitos fundamentais, o sujeito histórico deseja alguém para tirá-lo do sofrimento e trazer a paz. Para Benjamin, esse Messias é o sujeito do presente, o próprio homem que não deixa o passado morrer junto com o corpo lutador, que dá sentido à toda a luta quando não a deixa cair no esquecimento e consegue, finalmente, transformar a realidade. No entanto, a religião comercializada pelo homem presente, muito diversa da teologia de Benjamin, é uma materialização da figura divina, destituída de toda a metafísica. O Deus da maioria das igrejas brasileiras que se proliferam em nosso tempo é autoritário, virá cobrar a conta e instaurará, num movimento hierárquico, o paraíso para os bons, o inferno para os desviados. Por isso, a narrativa do facista está calcada na igreja e na militarização, pois ambas propagam a hierarquia, ou seja, o poder concentrado

¹ O presente texto é o resumo de um artigo apresentado na disciplina “A literatura filosófica”, ministrada pelo Professor Ronaldo Lima Lins na Pós-graduação em Letras da UFRJ em 2018/2.

na mão de poucos para o suposto bem comum e a dualidade excludente bem X mal. Assim, o discurso fascista, utilizando o discurso de medo do domínio do mal sobre o bem se associa à igreja e às forças militares para combater o mal, propondo uma sociedade segura, protegida e organizada. Na contramão dessa perspectiva, há movimentos religiosos, como a teologia da libertação, que entendem que a redenção de um povo não está na imposição de uma fé, mas em um resgate de sua dignidade humana, no acolhimento e no respeito à diversidade. Ainda que não dialoguem diretamente com Benjamin, como ele entendem a teologia em diálogo com a revolução. Mas isso ainda não é suficiente, primeiro porque a visibilidade desse movimento é pequena se comparada aos coronéis da fé. Além disso, precisamos rememorar, trazer à tona a história do oprimido, sua luta, sua voz. Se entendermos a história como um processo inacabado, o fato de os vencidos terem morrido não significa que nada podemos fazer. A memória é uma maneira de jogar luz nessa dor, na medida em que afirmamos que toda luta não foi em vão. Por isso é tão importante incluir em nosso sistema de ensino a história dos vencidos e, por isso, qualquer tentativa atual de propagar essa voz é fortemente atacada. Não apenas os heróis vencidos de nossa cultura são silenciados, esquecidos ou tem sua luta distorcida, também nosso presente não encontra reparação, ao contrário, o epistemicídio da população negra é uma realidade ignorada pelo Estado e a população indígena morre diariamente com o avanço da agropecuária criminosa que tem sua representação no Congresso Nacional.

A tese III reforça não apenas a rememoração dos heróis vencidos, mas também das pequenas histórias, dos acontecimentos cotidianos de uma gente que perdeu sua dignidade na lida diária com a vida oprimida. Por isso o cronista é a figura escolhida por Benjamin para tratar desses instantes, pois ele é o narrador do desimportante, aos olhos oficiais. Acrescento outro porta voz das coisas desimportantes, o poeta, aquele feito de inutilidades fundamentais. Na poesia, os pequenos acontecimentos enchem-se de imagens e sons e podem, enfim, convidar o sujeito do presente para sentir com, para se compadecer. Assim faz o poeta Murilo Mendes em “Cantiga de Malazarte”:

Eu sou o olhar que penetra nas camadas do mundo,
ando debaixo da pele e sacudo os sonhos.
Não desprezo nada que tenha visto,
todas as coisas se gravam pra sempre na minha cachola.
Toco nas flores, nas almas, nos sons, nos movimentos,
destelho as casas penduradas na terra,
tiro os cheiros dos corpos das meninas sonhando.
Desloco as consciências,
a rua estala com os meus passos,
e ando nos quatro cantos da vida.
Consolo o herói vagabundo, glorifico o soldado vencido,
não posso amar ninguém porque sou o amor,
tenho me surpreendido a cumprimentar os gatos
e a pedir desculpas ao mendigo.
Sou o espírito que assiste à Criação
e que bole em todas as almas que encontra.
Múltiplo, desarticulado, longe como o diabo.
Nada me fixa nos caminhos do mundo. (MENDES, 1994, p. 97)

O poema em questão chega bem perto do cronista de Benjamin por não desprezar nada que tenha visto, ou seja, por dar ênfase a todos os acontecimentos, grandes ou pequenos. O poeta fala, ainda, de memória, por afirmar que tudo fica registrado em sua mente, não se desmancha. Além disso, participa dos acontecimentos com seus sentidos. Participa do mundo, mas dá atenção em especial ao herói vagabundo, aos soldados vencidos, aos gatos, aos mendigos. Ao destacar tais figuras, o poeta afirma, de maneira múltipla e desarticulada, que sua matéria de poesia está longe dos holofotes. Ela trata dos pequenos, dos inúteis. Mas o que é o inútil em nossa sociedade?

Em 1998, o então presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou que quem se aposenta antes dos 50 anos é, com suas palavras, “vagabundo”, embora ele mesmo recebesse aposentadoria desde os 37 anos por seu trabalho como professor na USP.² Afinal, o que o nosso sistema entende como ser humano útil? O ser humano é medido por sua produtividade, quando, a princípio, ele sequer deveria ser medido, quiçá por produtividade. O poeta sabe disso, sabe que o sistema esvazia a dignidade do sujeito ao contabilizar a sua produção e usar o resultado como critério para conferir importância para uma vida, por isso resiste e não aceita que qualquer ser humano seja dado como

² Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc13059805.htm>.

perdido. Como o cronista de Benjamin, que não distingue os acontecimentos pequenos ou grandes, o poeta não distingue a matéria de sua poesia, não privilegia a utilidade em detrimento da humanidade.

Na tese IV, o pensador alemão reafirma a luta pelas coisas brutas e materiais, mas afirma a presença das coisas finas e espirituais como motivação, como estímulo, como força motriz para continuar, para resistir. Cita a coragem, o humor, a astúcia, a tenacidade como possibilidades de resistência, de insistência em questionar a vitória dos opressores. Convido o leitor a ampliar esse princípio, dialogando com Antonio Candido no artigo “O direito à literatura”: “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2004, 176). Para Candido, a literatura em seu sentido amplo, como sonho, como fabulação, como imaginação, como recriação do real, faz viver, isso porque ela apresenta livremente o bem e o mal, porque ela discute o humano de modo amplo, diverso, múltiplo, porque ela nos convida a um encontro com a existência. No artigo de Candido, há a defesa da literatura como uma necessidade humana e, como tal, deve ser defendida como direito. Ora, se a literatura é um direito, na luta de classes, na busca pela dignidade humana, na redenção dos oprimidos está a literatura por direito, sem a qual o pão não se basta. A literatura é a força motriz para a resistência de que fala Benjamin, pois a confiança, a coragem, o humor, a astúcia e a tenacidade se apresentam nela e dela fazem parte, possibilitando que, no contato com as obras o sujeito se humanize em sentido profundo e faça viver.

Na tese V, Benjamin afirma que: “A verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva. É somente como imagem que lampeja justamente no instante de sua recognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado.” Capturar a imagem do passado que lampeja é tarefa do historiador, estabelecendo uma conexão entre passado e presente. Capturar o passado, salvá-lo do esquecimento e aproximá-lo do presente é, em certa medida, ressignificá-los, passado e presente, afinal, as leituras do passado

feitas no presente transformam tanto o que foi, quanto o que é (LÖWY, 2005, p. 63). Assim, pensar a História, para Benjamin, é uma tarefa política, democrática, humana. No intuito de capturar um relâmpago, convido vocês a pensar um período muito próximo de nossa história, o Golpe de 1964, para que possamos ressignificar o nosso presente. O historiador Jorge Ferreira em seu artigo “O governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964”, ao tratar de João Goulart, presidente de nosso país entre 1961 e 1964, deposto pela ditadura, afirma que para a direita civil-militar de 64 Goulart era um corrupto, inepto e influenciado por comunistas; já para esquerda tratava-se de um líder burguês de massa, com vocação para trair a classe trabalhadora; por fim, visto por versos historiadores como populista (FERREIRA, 2011, p. 345). As aproximações entre a interpretação da figura de Goulart feita pela direita e pela esquerda brasileira na década de 60 e a figura de Lula feita durante o seu governo são bastante contundentes. O ex-presidente Lula é, até então, visto com indignação pela direita, pois investiu em políticas sociais, em contrapartida não propôs reformas de base, fez alianças questionáveis e concessões aos grandes empresários e, por isso, é, também, bastante criticado pela esquerda. O governo de Lula cumpriu a tradição sindicalista de seu partido e conduziu uma grande negociação entre patrão e empregado, expressando uma posição “dúbio e vacilante”. A sucessora de Lula, Dilma Rousseff vivenciou um cenário ainda mais grave, com uma crise econômica no contexto internacional e, internamente, com a condução da operação “Lava Jato” que propunha combate à corrupção, mas que foi se mostrando extremamente parcial e de interesses recônditos. A crise econômica que assolou o Brasil durante o período que antecede a Ditadura é bem diversa da crise vivenciada durante a candidatura de Rousseff. De acordo com Jorge Ferreira a instabilidade financeira era tamanha que, em 1962, a inflação no Estado da Guanabara chegou a 47,2% ao mês, quase o dobro de 1960. Em termos matemáticos, a situação econômica em 2015 e 2016 no Brasil foi bastante diferente, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) apontou que em 2015 a inflação no

Brasil fechou em 10,67% no ano, número alarmante, mas não catastrófico.³. Embora haja uma diferença numérica, revistas e jornais em 2015 anunciavam uma crise econômica sem precedentes na história, espalhando um estado de tensão. Palavras como “estourar”, “derrubar”, “pressão”, “alta”, “impacto”, “risco”, percorreram os jornais num alerta sensacionalista, incitando insegurança e desestabilizando o governo.

O Congresso é outro ponto de aproximação entre esses dois momentos brasileiros, ou melhor, é um ponto de permanência em todo o Brasil republicano. Para que João Goulart conseguisse governar e iniciar as transformações necessárias, a esquerda exigia um plebiscito sobre a continuidade ou não do regime parlamentarista no país. Porém, o Congresso, a fim de manter o controle e restringir o poder de Goulart, negava o plebiscito. Na ocasião, Leonel Brizola declarou que seus integrantes eram, em sua maioria, “latifundiários, financistas, ricos comerciantes e industriais representantes da indústria automobilística, empreiteiros e integrantes das velhas oligarquias brasileiras.” (FERREIRA, 2011, 359). O impedimento por parte do congresso do pleno desenvolvimento da democracia não é, na verdade, um “privilegio” do Governo de Goulart ou do Governo de Rouseff, tão pouco da atualidade. O Congresso brasileiro foi e ainda é formado por homens, de meia idade, heterossexuais, donos dos meios de produção, defensores da família tradicional, da propriedade e da manutenção de privilégios. Assim, o mesmo congresso que impediu a atuação de Goulart, depôs Dilma Rouseff, apoiou a política golpista de Michel Temer e travará qualquer Reforma de base que um futuro presidente ouse propor.

Na constelação que agora construímos, o passado nos aponta alguns caminhos para uma transformação real do presente, mas o mais urgente deles é a necessidade de uma profunda reforma política que coloque em questão as coligações partidárias, os financiamentos de campanha, ainda bastante manipuláveis, e a proporcionalidade dos votos a fim de que seja possível uma real transformação do Congresso para que ele represente de fato o povo, para

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/01/inflacao-oficial-fica-em-1067-em-2015.html>

que defenda a democracia e não os interesses pessoais e para que os avanços deixem de ser interrompidos. A Reforma Política parece um caminho longo e distante da realidade atual. Hoje nos confrontamos com um inimigo poderoso que parece cantar ao pé de nosso ouvido: “Recebe o teu poeta, oh bela, abre teu coração/ Abre teu coração ou eu arrombo a janela.”⁴ Na letra “A Bela e Fera”, a Fera pede o amor de Bela, para ter sua monstruosidade transformada em beleza. Embora pareça romântico, trata-se de um abuso de poder, de um ato violento, contra a dignidade de Bela que não consegue escapar de uma relação autoritária disfarçada de cuidado. Assim é o fascismo como se apresenta em nosso tempo. Disfarçado de um movimento anticorrupção, a favor da pátria, da família e de Deus, pede para entrar em “nosso coração”, quando, na verdade, já arromba a janela. Por isso, hoje corremos perigo, não apenas nós, mas também os mortos, conforme afirma Benjamin na tese VI. O inimigo não tem cessado de vencer, não apenas durante a ditadura militar, mas durante toda a história de nosso país, mas, hoje, temos uma responsabilidade ainda maior do que supomos: não apenas impedir mais uma vitória do inimigo que permanece, até então, vitorioso, mas também defender nossos mortos de uma morte inútil, de uma luta sem propósito, pois muitos morreram para que pudéssemos viver em uma democracia, ainda que inicial, ainda que falha, ainda que pouco representativa, e estamos prestes a perdê-la.

Referências Bibliográficas

DELGADO, Lucilia; FERREIRA, Jorge (org). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2004.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MENDES, Murilo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

⁴ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/edu-lobo/173473/>